

O Professor em Relação ao Aluno

Dinéia Hypolitto

Os pesquisadores BRASKAMP, BRANDENBURG e ORY (1984) concluíram que uma boa estratégia para definir excelência no ensino é considerar principalmente três aspectos: “as condições iniciais, as condições do processo e o produto”.¹

A seguir enfocamos com mais ênfase a relação professor-aluno, que está inserida nas condições de processo entretanto, uma avaliação de disciplina bem planejada deverá levar em consideração não só este aspecto, como todas as “condições” acima referidas.

A relação professor-aluno em sala de aula tem se mostrado antagônica e conflituosa. Assenta-se no convívio de extratos sociais diferentes, com culturas valores e objetivos também diferentes. O choque é inevitável e o resultado tem sido desastroso.

A escola abriga em seu espaço toda uma hierarquia administrativa e pedagógica, que deveria movimentar-se em função do aluno, no qual, dentro da visão de ROGERS (1972), a educação e o ensino devem estar centrados.

Reduzindo – por ora – essa abrangência para a sala de aula, MARCHAND pontua algumas características comportamentais do professor com reflexo direto na reação comportamental do aluno:

...Na prática pedagógica que coloca frente a frente o educador e o aluno, podem surgir atração ou repulsão como resultado do confronto entre os caracteres. Todas essas atitudes sentimentais influem sobre a metodologia, com risco de alterá-las, e provocam no aluno rudes transformações afetivas mais ou menos desfavoráveis do ensino. (1985: 18-19)

Essa colocação demonstra uma análise arguta, de grande sensibilidade, tão profunda quanto necessária. É de se questionar, entretanto, qual o curso de Licenciatura que dedicou um mínimo de seu tempo para refletir sobre tais questões. É desconfortante saber – com base empírica, é claro – que só em estudos pós-graduados afloram esses aspectos, habitualmente tão descuidados.

De acordo com CUNHA (apud Veiga, 1988: 147)

¹ “As **condições iniciais** referem-se não somente as características individuais de professores e estudantes – tipo, nível e grau de formação, como também, os aspectos das disciplinas que são pré-determinados, como, por exemplo, o tamanho da turma. As **condições de processo** incluem atividades a que alunos e professores se dedicam no decorrer das aulas. O **produto** inclui os resultados obtidos pelos alunos que possam ser atribuídos à sua frequência e participação na disciplina, por exemplo, o que foi aprendido ao fim do curso, mudanças de atitudes, etc.”. Para maiores esclarecimentos ver texto básico (V. 2) p. 16-17, do Curso de Especialização em Avaliação à Distância. Avaliação de Disciplinas, Souza, Eda C. B. Machado de. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

...A relação professor-aluno passa pelo trato do conteúdo do ensino. A forma como o professor se relaciona com sua própria área de conhecimento é fundamental, assim sua percepção de ciência e produção do conhecimento. E isto interfere na relação professor-aluno, é parte desta relação.

É denso o espaço onde convivem alunos e professores. Rubem ALVES (1983) denomina este espaço de “artesanal”, entendendo-o como um lugar onde habitam diferentes personalidades, cada uma com uma “estória”, um “nome”, um sentimento próprio.

É justamente neste “espaço”, que o professor deverá oportunizar situações de inovação e de criatividade. A perda de longas horas no trabalho docente junto aos alunos com repetições e reproduções de conteúdos tem se mostrado metodologia que precisa de urgente reestruturação, por se apresentar incompatível com as exigências da modernidade.

O professor não pode mais ficar alheio à essas exigências e para isto, terá que pesquisar processos metodológicos que utilizem os meios informatizados, a multimídia e a Internet. A articulação de como colher a informação, como processá-la, como tratar esta informação e como utilizar as informações obtidas são peças importantes na rede da construção do conhecimento.

Dentro da relação professor-aluno, o docente não pode ignorar que os estudantes trazem consigo uma bagagem de conhecimento. Daí o docente deverá ser capaz de valorizar os referenciais que os alunos construíram em suas vidas e desencadear processos para que estes alunos articulem seus referenciais com os conhecimentos propostos na sala de aula.

Mas infelizmente pelo que observamos na escola, isto não tem sido regra geral por parte de muitos professores.

Geralmente o aluno que está acostumado a “leia”, “repita” e “decore”, deverá ultrapassar este referencial por “aprenda a aprender”, “construa”, “investigue”, “pesquise” e “produza”. O aluno acostumado às receitas precisará recriar mecanismos diversificados para aprender com a orientação do professor. Neste termo, objetiva-se encontrar a criação de um inter-relacionamento entre professor e aluno concretizado no incentivo à criação, à crítica, ao debate, à reflexão, e à pesquisa.

Do que vimos, sentimos e constatamos na escola de ensino fundamental e médio, ainda há muitos docentes que insistem em perpetuar caminhos de reprodução do conhecimento. Na realidade, são poucos os educadores que têm procurado ousadamente construir metodologias que abram espaços criativos e inovadores, com a finalidade de alterar a relação de dependência que os alunos têm do mestre.

O conhecimento feito, pronto e acabado não satisfaz as exigências do mundo moderno.

Para empreender novo caminhar com os alunos, o professor deverá ter como pressuposto que:

Se a educação não pode ser consertada, talvez possa sofrer uma metamorfose. Como observou alguém, procurando explicar a diferença entre reforma e transformação, estamos tentando atar asas em uma lagarta. Nossas intervenções no processo do aprendizado, até agora, têm sido quase que grosseiras. É mais do que tempo de nos livrarmos de apreço às velhas formas e facilitarmos o vôo da mente humana liberta. FERGUSON, 1980: 305)

Caracterizar um novo tipo de aluno que seja capaz de enfrentar as exigências do mundo moderno dependa da recondução do professor ao seu novo papel. O ato educativo precisa ser orquestrado pelo professor e pelo aluno, num processo pedagógico coletivo, criativo e inovador. Não podemos esquecer que não há transformação do aluno sem o professor, do professor sem o aluno e da escola sem políticas públicas que subsidiem esta transformação.

Cabe pois, concluir que os professores e alunos na escola discutam e registrem continuamente a qualidade do conhecimento construído para planejarem novas ações que os levem a atingir novos patamares, renovando o compromisso mútuo em relação à concretização das mesmas.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem. *Conversas com quem gosta de ensinar*. São Paulo: Cortez, 1983.

BRASKAMP, L. A; BRANDENBURG, D. C. & ORY, J. C. *Collecting evaluative information about teaching. Evaluation good teaching*. Beverly Hills: Sage Publications, p. 35-76, (capítulo 4), 1984.

CUNHA, Maria Izabel da. A relação professor-aluno. In: Ilma Passos Alencastro Veiga. *Repensando a didática*. Campinas, SP: Papirus, 1998.

FERGUNSON, Marilyn. Voar e ver: novos caminhos para o aprendizado. In: *Conspiração Aquariana*. (trad. Costa, Carlos Evaristo). Rio de Janeiro: Record, 1980.

MARCHAND, Max. *A afetividade do educador* (tradução de Maria Lúcia S. Hildorf Barbanti & Antonieta Barini). Organização da Coleção Abramovich, Fanny. São Paulo: Summus, 1985.

ROGERS, Carl R. *Liberdade para aprender*. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1972.

SOUZA, Eda C. B. Machado de. (org.) *Avaliação de disciplinas. Curso de Especialização em avaliação à distância*. Brasília: Unb, 1998 (texto básico – V.2).